

REFLEXOS E REFRAÇÕES DO PODER E DA VIOLÊNCIA EM O OVO, DE CAIO  
FERNANDO ABREU

Deivis Jhones Garlet<sup>1</sup>

Mara Lúcia Barbosa da Silva<sup>2</sup>

**Resumo:** O discurso literário representa a realidade concreta das relações humanas de modo peculiar, apreendendo elementos constantes no meio ideológico (extraestéticos) e transformando-os esteticamente. Nesse trabalho, objetivamos uma leitura do discurso do conto *O ovo*, de Caio Fernando Abreu, pela perspectiva do reflexo e da refração do meio ideológico, no contexto da Ditadura Militar – de violência, de autoritarismo, de excessos do poder político estatal –, para analisarmos que função (ões) os elementos extraestéticos, transformados esteticamente, podem cumprir, na narrativa e na realidade concreta. Para tanto, efetuamos uma caracterização sumária da Ditadura e de conceitos imprescindíveis, tais como Estado e poder.

**Palavras-chave:** Ditadura, poder, violência, reflexo e refração.

**Abstract:** The literary discourse represents the concrete reality of human relations in a peculiar way, apprehending constant elements in the ideological environment (extra-aesthetical) and turning them aesthetically. In this paper, we aimed at a reading of the discourse of the tale *O Ovo* by Caio Fernando Abreu, through the reflection and refraction perspective of the ideological environment, in the Military Dictatorship context – of violence, authoritarianism, state political power excess -, in order to assess the function(s) the extra-aesthetical elements, aesthetically transformed, may accomplish, in the narrative and in the concrete reality. For that, we carried out a summary characterization of the dictatorship in the indispensable concepts, such as State and power.

**Key Words:** Dictatorship, power, violence, reflection and refraction.

O período da História brasileira compreendido entre os anos de 1964 a 1985 foi caracterizado pela vigência da Ditadura Militar, na qual o poder e a violência contra os segmentos sociais considerados subversivos foram exercidos de forma concreta e constante. A oposição a esse *status quo*, por outro lado, também foi recorrente, desde os

---

<sup>1</sup> Mestrando em Estudos Literários (UFSM); Bolsista Capes; Graduado em História, Licenciatura Plena (UFSM) e pós-graduado em Pensamento Político Brasileiro (UFSM).

<sup>2</sup> Bolsista de Pós-doutorado CAPES/PNPD do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

manifestos de rua, a guerrilha, até a cultura – como no caso da literatura. De fato, podemos pensar o período nos termos de uma antinomia entre Estado e oposição.

É nessa conjuntura que se situa a produção literária de Caio Fernando Abreu, a qual constrói, por meio da palavra e seu potencial sógnico, um discurso que realiza um contraponto simbólico aos excessos do poder e da violência institucional. Assim, nosso propósito nesse breve trabalho consiste em realizar um estudo literário do conto *O ovo*, de Caio Fernando Abreu, publicado em 1969, na coletânea intitulada *Inventário do Irremediável* (posteriormente o título foi reelaborado para *Inventário do Ir – remediável*). Efetivamente, buscamos apreender a forma pela qual o discurso contido no *O ovo*, discurso mediado por um meio ideológico, representa, de forma reflexa e refratária a realidade concreta do Brasil da Ditadura Militar. Em outros termos, buscamos a percepção de elementos extraestéticos e estéticos no conto, tomado como uma totalidade em si. Mas, mais do que constatar tais elementos, temos a pretensão de verificar que função (ões) os mesmos exercem na obra literária e na realidade concreta. Para lograr êxito nessa empresa partiremos de uma sumária contextualização histórica, sobretudo nos seus aspectos de base econômica e superestruturas e suas relações recíprocas, juntamente a uma definição conceitual de elementos constitutivos dessa realidade, tais como Estado e poder. Nesse intento, autores como Maria Helena Moreira Alves, com a obra *Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)*, Norberto Bobbio, com a obra *Estado, Governo, Sociedade: Para uma teoria geral da Política*, e Max Weber, com *Ciência e Política: duas vocações*, nos fornecem subsídios suficientes. Na sequência, empreenderemos uma leitura do conto *O ovo* com base nas premissas do caráter sógnico, portanto ideológico, da literatura e das denominadas leis do reflexo e da refração do meio ideológico, efetuadas na criação do discurso literário. Para tanto, autores do denominado (mesmo com as controvérsias relativas à questão de autoria) Círculo de Bakhtin, como Medviédev, com *O método formal nos estudos literários* constituem a base teórico-literária. Além disso, trabalharemos com Tzvetan Todorov, com a *Introdução à Literatura Fantástica*.

O golpe civil – militar de 1964 foi perpetrado sob a justificativa, pelas elites econômicas e setores conservadores, da preservação da democracia e da segurança nacional, em face do suposto avanço comunista na sociedade e no Governo João Goulart (1961-1964). Evidentemente, tal golpe insere-se em um contexto mais amplo: a Guerra

---

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

Fria e os conflitos indiretos entre o bloco capitalista, capitaneado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela União Soviética. Esse conflito ideológico em escala mundial interagia com realidades regionais, como no caso do Brasil. Um governo de matiz nacionalista e identificado com o trabalhismo, como o era o de João Goulart, reportava uma imagem próxima ao socialismo e, logo, uma ameaça tanto à tradição (classe média, Igreja, militares), quanto às elites econômicas nacionais e multinacionais. Assim, para a preservação e a reprodução de um modelo econômico capitalista associado e dependente efetuou-se o golpe, com o pretexto do combate à comunização do país.

O Governo então instituído, de natureza militar, imprimiu a orientação política ao Estado. Orientação ditatorial, autoritária, repressiva e excludente, muito embora o Governo militar adotasse o discurso de normalidade constitucional, inclusive com a manutenção de um regime político democrático – apenas na aparência – e uma forma de governo republicana e presidencialista – somente na questão taxonômica, insistimos.

Quanto à repressão, houve a montagem de extenso aparato coercitivo, prisões arbitrárias, tortura e desaparecimentos de pessoas. Conforme nos elucida Alves (1985, p. 59):

Logo após o golpe militar, uma vasta campanha de busca e detenção foi desencadeada em todo o país. O Exército, a Marinha e a Aeronáutica foram mobilizados, segundo técnicas de contraofensiva, para levar a efeito operações em larga escala de “varredura com pente fino”. Ruas inteiras eram bloqueadas e cada casa era submetida a busca para detenção de pessoas cujos nomes constavam de listas previamente preparadas. O objetivo era varrer todos os que estiveram ligados ao governo anterior, a partidos políticos considerados comunistas ou altamente infiltrados por comunistas e movimentos sociais do período anterior a 1964. Especialmente visados eram líderes sindicais e estudantis, intelectuais, professores, estudantes e organizadores leigos dos movimentos católicos nas universidades e no campo.

Assim, iniciava-se, no cotidiano das relações sociais da população, a edificação de um corpo de signos, como soldados, automóveis do governo, militares, prisões, tortura, censura entre outros, que seriam vistos por uns como símbolos da ordem, mas por outros como marcos da repressão violenta. Essa violência contra a sociedade era, pois, concreta e percebida no processo diário de relações de comunicabilidade humana. Ela, a violência, se tornaria ainda mais severa com o decreto do Ato Institucional número 5, o AI – 5, em

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

1968, o qual extinguiu as garantias constitucionais e as liberdades individuais e coletivas. Em 1969, a Lei de Segurança Nacional tornaria a Ditadura total.

Julgamos esse sumário descritivo apropriado e suficiente para caracterizarmos a época, de modo que não nos estenderemos nessa perspectiva, uma vez que não pleiteamos um estudo de caráter histórico. Assim, em síntese, pela preservação e reprodução de uma base econômica excludente e ligada ao capital internacional, em um contexto mundial de confronto ideológico entre capitalismo e socialismo, efetuou-se o golpe. As superestruturas – como áreas de criação ideológica (Estado, poder, moral, política...) – edificaram-se como criadoras de ideologias de perpetuação da ordem estabelecida, através da ação humana em coletividade, criadora de objetos-signo concretos. Por outro lado, no interior dessas mesmas superestruturas e das relações entre si, dialeticamente, o Homem também criou formas ideológicas avessas ao ordenamento social militar, como no caso da literatura, aqui delimitada ao conto de Caio Fernando Abreu. É conveniente, diante do exposto, passarmos para uma análise conceitual dos elementos até aqui delineados.

Em primeiro lugar, nesse campo teórico, julgamos necessária uma definição de ideologia, mesmo que em nível introdutório, pois as linhas que seguem abordarão amiúde esse conceito. A ideologia integra as superestruturas de um modo de produção, o qual é composto pela infraestrutura e as relações com as próprias superestruturas, em conexão de influência recíproca. Evidentemente, tudo isso deve ser apreendido nas ações humanas materiais em sociedade, afinal é a ação do Homem que cria ideologias. Assim, para uma época específica corresponderão ideologias também peculiares, no plural. É fato que haverá uma ideologia dominante, mas, ao mesmo tempo, ideologias em oposição a essa dominância, num processo de vida material repleto de contradições, de antagonismos. As ideologias, portanto, em nossa compreensão, não podem ser vistas como manifestações metafísicas ou frutos da consciência individual; elas são produtos concretos que admitem a anterioridade de uma intenção, de um interesse em conceber e representar uma coisa de uma forma e não de outra. Em síntese, ideologia significa um corpus materializado pela ação humana em coletividade que mostra a realidade de específica maneira, em um determinado momento histórico e em determinado lugar. Nossa concepção aproxima-se da definição de Eagleton (2011, p. 10), o qual afirma que a ideologia pode ser compreendida como “as ideias, os valores e os sentimentos por meio

---

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

dos quais os homens vivem e concebem a sociedade em diversas épocas”. Desse modo, o discurso de Caio Fernando Abreu, em *O ovo*, pode ser entendido como uma forma de sentir e representar a sociedade, como criador de uma ideologia.

Com esse preâmbulo sobre a questão ideológica, podemos seguir, nesse plano conceitual, para as definições de Ditadura, Estado e Poder.

Sob uma ótica teórica, a Ditadura pode ser qualificada de acordo com a natureza do poder e conforme a classe no poder. Quanto à classe, no período que é nosso objeto, era militar, evidentemente. Quanto à natureza do poder, acreditamos que a Ditadura em questão se coaduna ao conceito de Ditadura Autoritária – relegando os conceitos de Ditadura Cesarista e Totalitária para um segundo plano – na qual a natureza do poder reside na coerção, na violência física, no medo infligido, muito mais do que num culto ao líder ou na cooptação persuasiva.

Dessa forma, o Estado, de orientação ditatorial e autoritária, exacerbou, nos limites do território brasileiro, seu traço distintivo: o monopólio da violência legítima, de acordo com a concepção weberiana de Estado: “Em nossa época, entretanto, devemos conceber o Estado contemporâneo como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território – a noção de território corresponde a um dos elementos essenciais do Estado – reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física.”, (Weber, 2011, p. 66-67). Todavia, duas problemáticas se põem. Primeiramente, uma compreensão mais economicista do Estado o entenderá como, a despeito das prédicas do jusnaturalismo, o agente de dominação de uma classe sobre as outras, conforme explicita Bobbio (1987, p. 74): “... o Estado, cuja função é essencialmente a de manter o domínio de uma classe sobre outra recorrendo inclusive à força, e assim a de impedir que a sociedade dividida em classes se transforme num estado de permanente anarquia.”

A problemática do uso da violência se resolve na medida em que é necessária para evitar a “anarquia”. O fato que permanece latente é o direito do Estado em utilizar-se da violência contra a sociedade. O Estado, assim compreendido, possui como condição necessária e suficiente para sua definição e existência o monopólio da violência legítima, ou seja, o poder político (a questão do legítimo será nossa segunda problemática, a qual trataremos em seguida), embora nenhum Estado abdique de recorrer a outros poderes,

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

como o econômico e o ideológico, para sua sedimentação, mas estes não lhe são monopólio.

Isso nos encaminha para a questão do Poder. Podemos defini-lo no processo de relação entre dois atores, de acordo com Bobbio (1987, p. 78),

...a interpretação mais aceita no discurso político contemporâneo é a terceira, que se remete ao conceito relacional de poder e estabelece que por “poder” se deve entender uma relação entre dois sujeitos, dos quais o primeiro obtém do segundo um comportamento que, em caso contrário, não ocorreria. (...) Enquanto relação entre dois sujeitos, o poder assim definido está estreitamente ligado ao conceito de liberdade; os dois conceitos podem então ser definidos um mediante a negação do outro: “O poder de A implica a não – liberdade de B”, “A liberdade de A implica o não – poder de B”.

Desse modo, o poder político do Estado, manifesto nas prisões, tortura, polícia, militares, legislação confere à sociedade o estatuto da não liberdade. Percebemos, então, uma estreita relação entre as definições conceituais, do plano teórico, e a realidade da vivência social material. E é justamente nesse plano da vivência material dos homens, que o discurso literário vai se situar, para, através das ideologias extraestéticas, suas representações, trabalhar de forma criadora e transformadora, como veremos adiante na análise de *O ovo*. Precisamos, outrossim, admitir que o Estado, ditatorial e autoritário, também se valeu do poder econômico e do poder ideológico, embora pareça-nos evidente que a âncora consistiu mesmo no poder político: o uso da coerção física contra os opositores.

Demonstrado que o Estado exacerbou o poder político e cerceou as liberdades da sociedade, nos voltamos para o segundo problema, ou seja, da legitimidade da violência estatal. A violência do poder político estatal na Ditadura Militar, definida como autoritária, pode ser compreendida como ilegítima, dependendo do critério que adotamos para análise. E se a consideramos ilegítima, posto que grupos sociais lutavam contra o poder político do Estado, concluímos que a violência de tais grupos (especialmente com a guerrilha, mas também com a produção cultural) era autorizadora da desobediência ao poder político instituído. Conforme Bobbio (1987, p. 91),

Quem observar os movimentos de resistência, no sentido mais largo da palavra, do mundo de hoje, não tardará a dar-se conta da persistência destes critérios: contra um governo despótico, contra uma potência colonial

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

ou imperialista, contra um sistema econômico ou político considerado injusto e opressivo, o direito de resistência ou de revolução é justificado...

Esse parece-nos o caso da resistência no Brasil sob a égide da Ditadura: uma luta contra um governo despótico; a luta contra um sistema econômico ou político injusto e opressivo. E essa luta se materializou em diversos campos, como na área da produção literária, com a criação de signos portadores de uma ideologia de contestação, caso do conto *O ovo*. Mas, é preciso anteciparmos que não pretendemos compreender o discurso contido no conto como um mero reflexo direto da realidade concreta, e sim como uma reflexão e refração própria de outros reflexos e refrações das outras áreas de criação ideológica – as superestruturas – constituintes do meio ideológico que circunda o Homem, no caso, especialmente, Caio Fernando Abreu. O conceito de meio ideológico é definido com eficácia por Medviédev (2012, p. 56) como:

O homem social está rodeado de fenômenos ideológicos, de “objetos-signo” dos mais diversos tipos e categorias: de palavras realizadas nas suas mais diversas formas, pronunciadas, escritas e outras; de afirmações científicas; de símbolos crenças religiosas; de obras de arte, e assim por diante. Tudo isso em seu conjunto constitui o meio ideológico que envolve o homem por todos os lados em um círculo denso. Precisamente nesse meio vive e se desenvolve sua consciência. A consciência humana não toca a existência diretamente, mas através do mundo ideológico que a rodeia.

Assim, o discurso de Caio Fernando Abreu, no conto *O ovo*, é mediado por essa realidade concreta do meio ideológico, compondo uma totalidade concreta em devir, uma vez que movida por tensões, forças opostas dos homens em sua própria existência material. A literatura, suas obras, uma obra específica, integra esse meio ideológico e é uma esfera de criação de ideologia. Todos os elementos analisados anteriormente como Estado, poder, ditadura, autoritarismo, violência, prisões, tortura, capital associado e dependente constituem-se como signos concretos que circundam o homem e formam a totalidade concreta, a realidade de produção e reprodução material da vida dos homens. É com esses elementos, extraestéticos e que cumprem uma função de amedrontamento e perpetuação da ordem estabelecida, ou seja, criações ideológicas das superestruturas, que a literatura irá trabalhar na formação de seu próprio signo ideológico, mas trabalhará de forma específica – estética. Corroborando o exposto, Medviédev (2012, p. 60) afirma,

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

A literatura insere-se na realidade ideológica circundante como sua parte independente e ocupa nela um lugar especial sob a forma de obras verbais organizadas de determinado modo e com uma estrutura específica própria apenas a elas. Ela, como qualquer estrutura ideológica, refrata à sua maneira a existência socioeconômica em formação. Porém, ao mesmo tempo, a literatura, em seu “conteúdo”, reflete e refrata as reflexões e refrações de outras esferas ideológicas (ética, cognitiva, doutrinas políticas, religião, e assim por diante), ou seja, a literatura reflete, em seu “conteúdo”, a totalidade desse horizonte ideológico, do qual ela é uma parte.

Dessa forma, o discurso de *O ovo* pode ser visto como o reflexo e a refração do meio ideológico, em seu conteúdo. Ele apresenta uma forma de sentir e de representar esse meio ideológico (extraestético) peculiar, específica (estético), por meio da linguagem instauradora de um potencial sígnico. O Estado ditatorial e autoritário, a violência, a tortura, as prisões, os militares, as instituições, enfim os signos ideológicos constituintes do meio ideológico estarão presentes no conteúdo da obra de Caio Fernando Abreu, porém, de forma mediada, como reflexo e refração, ou seja, transformados. Com essa breve explanação, acreditamos no êxito de elucidação de nossa forma de pensar o estudo literário, de forma que podemos abordar, agora, diretamente o conto, em uma possibilidade de leitura dentre tantas.

A narrativa do conto *O ovo* principia com um narrador aprisionado e que pretende escrever sua história, para que um dia aqueles que o prenderam sejam punidos. Em um primeiro momento, podemos perceber no decurso narrativo a recorrência de palavras/expressões que possuem um potencial sígnico, tais como “me impeçam de contar”, “está tudo escuro”, “me seguraram”, “todos sabiam”, “mas dissimulavam”, “todos eles sabendo e fingindo que não sabem”, “as bocas pareciam costuradas”, “as sobrelhas unidas”, “me segurou”, “me jogarem no caminhão”, “me trouxeram para cá”, “coloca uns fios na minha cabeça”, “prendiam quem via”, “a escuridão em que passamos o dia”, “o silêncio é imenso”, “não me deram choques”, “será que não vai doer?”, “tenho tanto medo” e “ninguém vai-me ouvir se eu gritar”. Todas essas expressões, ao longo da narrativa, articulam um sentimento de medo, de violência, de poder exercido. Embora não remetam diretamente à Ditadura Militar, parece-nos que o meio ideológico de autoritarismo, violência do poder político, repressão, está, já nessas expressões, transformado esteticamente, de forma a configurar um modo de sentir o período. Não há um reflexo direto da realidade, com a nomeação clara de Estado ditatorial, violência ou

---

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

tortura, mas um reflexo refratado do meio ideológico que circundava o autor. Em outras palavras, a realidade concreta do meio ideológico ditatorial e autoritário apresenta-se transformada esteticamente, e cumpre a função de instaurar um tom de violência, de temor, de dor na narrativa, potencializando um signo ideológico. Da mesma forma, há expressões como “procurasse castigá-los” e “não sei por que os homens não se armam de paus e pedras”, as quais podem ser compreendidas como uma manifestação estética de inconformismo, de vontade de lutar contra algo. Novamente, o meio ideológico, o qual também era composto pela oposição aos excessos da Ditadura, está presente, de forma transfigurada, evidentemente. O extraestético do meio ideológico tornado um sentir expresso esteticamente na narrativa.

Após essas impressões iniciais, concentremo-nos em pontos nevrálgicos (em nosso entendimento) da presença do meio ideológico extraestético no discurso e como ele funciona sob sua forma transformada, mediada, no plano estético da obra. Considerando-se a multiplicidade de elementos passíveis de análise, propomos a abordagem de três: soldado da brigada, os três seres fantásticos e o ovo.

O soldado da brigada, no contexto das relações sociais materiais dos homens e, de acordo com as definições conceituais e históricas anteriores, integra o meio ideológico, como um objeto-signo. Desde o pertencimento a um aparato de coerção estatal, portanto integrante do poder político, até a vestimenta, o soldado da brigada pode ser visto sob dois matizes: como agente de manutenção da ordem, auxiliar dos cidadãos, ou como agente repressor de um modelo político autoritário. Tal é a possibilidade de representação do soldado da brigada de uma forma bastante mecânica. Ele, sem dúvida, constitui um elemento ideológico extraestético. No discurso de *O ovo*, todavia, a representação da imagem do soldado da brigada é revestida de uma nova roupagem, ou seja, a imagem do meio ideológico é transformada: há um reflexo e uma refração, a qual edifica a imagem do soldado de forma diferente da realidade do meio ideológico. Na representação estética do soldado da brigada, Caio Fernando Abreu o representa como a fonte de infortúnio, de desgosto, de sofrimento do narrador, de tal maneira que o soldado é representado pejorativamente. O narrador conta sua vida infante-juvenil e relata que duas de suas namoradas acabaram por casar com soldados da brigada: “Ela era loira, gorda, tinha um tranção até a cintura. Depois ela casou com um soldado da brigada...” (Abreu, 2005, p.40); quanto à segunda namorada, “Quando tinha dezoito anos, ela casou. Com um

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

soldado da brigada.” (Abreu, 2005, p.40). Nota-se um descontentamento com o soldado da brigada, o qual não é representado nos atos de violência, prisão, tortura, mas como agente que causa senão um entristecer, pois o narrador perde duas namoradas, pelo menos um desconforto. Em seguida, vem a ideia de se vingar do ícone soldado da brigada, símbolo de seus infortúnios e sofrimentos. O narrador resolve seduzir um jovem soldado da brigada que frequentava sua casa, amigo de sua mãe, e que dava indícios de ser homossexual. O seduz e estabelece relações sexuais com ele: “E de noite eu comi ele. Com gosto. Como se eu estivesse com o pau na bunda de todos os soldados da brigada do mundo”. (Abreu, 2005, p.41). Assim, o elemento extraestético, o soldado da brigada, que adquiria no meio ideológico da época uma coloração negativa, símbolo da violência arbitrária, das prisões, da tortura, enfim, símbolo do poder político do Estado ditatorial, não se reflete diretamente no discurso de *O ovo*. Não há referência aos excessos cometidos pela polícia ou militares no discurso narrativo. Mas, o soldado da brigada é retirado do meio ideológico e transportado, com uma representatividade transformada, para o discurso literário. Na narrativa o soldado da brigada cumpre a função de evidenciar os desgostos amorosos, o sofrimento e a vingança do narrador. O elo entre a imagem do soldado da realidade do meio ideológico e a imagem da narrativa se concentra no fato de o soldado poder ser visto justamente como portador de más notícias, de dor, de sofrimento, tanto na realidade concreta, quanto na narrativa.

Depois de narrar sua infância e juventude, o narrador vê, ao subir uma montanha, uma parede branca no horizonte, a qual vai, lentamente, se aproximando. Aqui, e para antecipar um conceito necessário logo a seguir, é introduzido na rotina da vida normal, prosaica, na ordem natural e concebida como plausível o elemento fantástico. Segundo definição de Todorov (2010, p. 30) “Num mundo que é exatamente o nosso, aquele que conhecemos, sem diabos, sílfides nem vampiros, produz-se um acontecimento que não pode ser explicado pelas leis deste mesmo mundo familiar”. A parede branca que vai se aproximando parece-nos ocupar o lugar desse “acontecimento”. Ela é inexplicável de acordo com as leis da natureza. Além disso, o fantástico também se caracteriza pela hesitação, da personagem, do leitor ou de ambos. Entretanto, nos ocuparemos com essa parede branca em nossas observações finais. Por hora, queremos recorrer ao conceito do fantástico para apresentar o seguinte segmento narrativo de Abreu (2005, p. 43):

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

Os três vieram. De branco, da mesma cor da parede: uma mulher com um chifre no meio da testa, um homem com três olhos e outro com vários braços, como um polvo. O de vários braços me segurou pelas costas enquanto o de três olhos ia abrindo caminho e a mulher me empurrava com o chifre. (...) Os três me jogaram dentro do caminhão, a mulher de chifre dirigia, os dois outros me seguravam. Então me trouxeram para cá. Todos os dias a mulher de chifre me traz as refeições, ao mesmo tempo em que o de vários braços me segura, o de três olhos coloca uns fios na minha cabeça e eu sinto uma coisa estranha, um tremor em todo o corpo, depois caio num sono pesado e só acordo à tarde.

Ocorre a introdução na narrativa de três seres fantásticos que prendem o narrador no momento em que ele anuncia para todos, na praça, que via a parede branca, mas todos estavam com as bocas costuradas e as sobrelhas unidas. O meio ideológico circundante de Caio Fernando Abreu envolvia, como vimos, a violência, as prisões, a tortura perpetradas pelos aparatos repressivos do Estado e seu poder político. A sociedade, de uma forma ampla, sabia dos excessos da Ditadura Militar, mas, pelo medo crônico da violência, da tortura, dos desaparecimentos, parcelas significativas, sobretudo a classe média, permaneciam inertes. Algo parecido se passa no segmento narrativo apresentado. Todavia, essa realidade é transubstanciada nos seres fantásticos e na multidão calada e cega. Os seres fantásticos, como objetos-signo construídos pela palavra, apresentam uma imagem que é um reflexo e uma refração do meio ideológico concreto. Convertidos em artefato ideológico estético, cumprem a função de desrotinizar o cotidiano da narrativa e da realidade concreta. Os seres constituem um signo ideológico representativo da repressão, da violência, da tortura, mas não são um mero reflexo dos responsáveis pela execução do poder político, da violência, na Ditadura Militar, tampouco são militares. Antes de mais nada, expressam um sentimento em relação ao período, sentimento de viver em uma realidade concreta autoritária e violenta. Como sentimento e transformados em artefato estético, cumprem uma função de evidenciar a repressão e a violência que podem se abater sobre aqueles que não se comportarem de acordo com os padrões estabelecidos, em qualquer época e lugar, posto que são seres fantásticos e o narrador não situa temporalmente ou cronologicamente a narrativa.

O último elemento constante na narrativa que nos propomos a analisar é a parede branca, a qual, paulatinamente, vai se aproximando, se fechando sobre o narrador, especialmente quando está aprisionado. É então que ele conclui que a parede é um ovo. Nas palavras de Abreu (2005, p. 43), "Só ontem cheguei a conclusão de que se trata de

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

um ovo. Que estamos todos dentro dele. Mas é um ovo que diminui cada vez mais, cada vez mais, nós vamos ser todos esmagados por ele”. E, na sequência final da narrativa, preso: “Olho para o meu corpo. Será que ele cabe dentro de um ovo? Será que não vai doer? (...) Tão perto que ninguém vai-me ouvir se eu gritar.” (Abreu, 2005, p. 44). O ovo, elemento fantástico inserido na narrativa, não constitui a representação de um ovo da realidade concreta. Nessa, o ovo vai crescendo até permitir o nascimento, a vida. Na narrativa, como vimos, ele vai se fechando e o narrador sente medo, se pergunta se vai doer, indica a morte. Nesse aspecto já percebemos como o objeto-signo ovo da narrativa edifica-se como uma representação alterada do objeto ovo da natureza. Ele, o objeto da natureza, extraestético, foi transformado esteticamente e cumpre a função oposta do objeto do mundo natural. Considerando-se o meio ideológico no qual Caio Fernando Abreu está imerso, a Ditadura Militar, podemos perceber que há também uma representação ideológica da Ditadura que aquiesce com a ideia de fechamento. O AI – 5, a Lei de Segurança Nacional, a violência do poder político do Estado manifesta nas prisões, na tortura e nos cerceamentos de liberdades conduzem a uma imagem de fechamento, enclausuramento, imobilidade e dor. O ovo, da narrativa, pode ser visto como o reflexo e a refração dessa imagem constante no meio ideológico de Caio Fernando Abreu, porém, um reflexo mediado, e uma refração que cria um novo objeto-signo. Esteticamente, efetua a função indicativa de um sentimento de impotência, de medo, de dor, de morte, mas não reflexa diretamente a realidade concreta da Ditadura Militar. Caso assim propuséssemos, estaríamos realizando um estudo precário, de mecanicismo causal, ou seja, reduzindo os elementos extraestéticos e estéticos contidos na obra como resultantes imediatos da realidade concreta. cremos que nossa proposta distancia-se desse reducionismo.

Por fim, cabe ressaltar que esses três elementos constitutivos do conto *O ovo*, além de cumprirem seu papel na própria estrutura narrativa, como buscamos evidenciar, também realizam uma ponte com a realidade concreta. Em outras palavras, os objetos-signo soldado da brigada, os seres fantásticos e o ovo criam uma ideologia que integra o meio ideológico do período 1964-1985, mas uma ideologia que antagoniza com as ideologias de legitimação da Ditadura Militar, na medida em que expressam os sentimentos do autor e de parcelas da sociedade inconformadas com o arbítrio do poder político estatal, instaurando, dessa forma, uma dialética em movimento, pondo as

# Literatura e Autoritarismo

## Identidade, memória e representações culturais

---

ideologias conservadoras em antagonismo com ideologias transformadoras. Indo mais além, os objetos-signo da narrativa são atemporais, e se harmonizam com posturas contemporâneas antagônicas à violência, à tortura, à repressão, enfim, ao cerceamento das liberdades do Homem. Desse modo, queremos sintetizar a ideologia expressa na narrativa de *O ovo* como um contraponto simbólico, contido em um objeto-signo concreto, à intolerância, à violência, ao autoritarismo e um libelo à liberdade.

### Referências

ABREU, Caio F. **Caio 3D**: o essencial da década de 1970. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e Oposição no Brasil (1964-1984)**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. (Volochninov). Tradução Michel Lahud e Yara Vieira, com a colaboração de Lúcia Wisnik e Carlos Cruz. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

BOBBIO, Norberto. **Estado, Governo, Sociedade**: por uma teoria geral da política. Tradução Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução Matheus Correa. São Paulo: Unesp, 2011.

MEDVIÉDEV, Pável N. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Tradução Maria Castello. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010. – (Debates; 98/ dirigida por J. Ginsburg).

WEBER, Max. **Ciência e política**: duas vocações. Tradução Leonidas Hegenberg e Octany da Mota. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 2011.